



Permanência e desvio no fotojornalismo em tempo de convergência digital: elementos para uma discussão preliminar.¹

José Afonso da SILVA Jr²

RESUMO

Com mais de dez anos de Internet aberta e quase 25 anos da fotografia digital em interação com o jornalismo, observa-se a interoperabilidade do fotojornalismo com tecnologias digitais e em redes. O fenômeno da convergência digital situa-se como um campo consolidado, superando abordagens focadas em dinâmicas de passagem entre tecnologias, adaptando-se ao cenário digital. Há, atualmente, um crescimento de complexidade entre processos, produtos e sistemas de produção simbólica, onde o fotojornalismo não é exceção. Trabalha-se aqui sob o duplo prisma da conceituação histórica do fotojornalismo e sua interpenetração com a convergência digital no jornalismo. Assim, delimitam-se pressupostos epistemológicos, conceitos mais consolidados de convergência digital, bem como, as implicações e caminhos possíveis de desenvolvimento para o problema colocado.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Jornalismo, Fotojornalismo, Convergência Digital.

¹ Trabalho apresentado no NP Fotografia: Comunicação e Cultura do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas FACOM-UFBA (2006). Professor Adjunto PPGCOM-UFPE. email: zeafonsojr@gmail.com .

http://www.ppgcomufpe.com.br/detalhe_professor.asp?professor=25



1. Apresentação.

O objetivo deste trabalho é problematizar inicialmente os possíveis fatores de alteração existentes na cadeia de práticas do fotojornalismo em tempos de convergência digital a partir de dois níveis interdependentes e complementares de observação, sendo, o primeiro: uma interpenetração conceitual que envolve as histórias e teorias do jornalismo e do fotojornalismo; complementado com os conceitos vigentes sobre a questão da convergência digital aplicada ao jornalismo de modo geral.

Prosseguindo, esse prisma duplo, apresenta desdobramentos de intensidade diferentes do mesmo fenômeno - a convergência digital - que empurra para a realidade da prática do fotojornalismo contemporâneo um espectro de problemas e condicionamentos, que, por sua vez, desdobra-se em ajustes necessários a manutenção desse conjunto de práticas na realidade do jornalismo atual. Nesse eixo incidem algumas questões importantes que se justapõem ao problema, a dizer:

- (a) o percurso da fotografia em relação a outras bases tecnológicas;
- (b) as características da cadeia produtiva do fotojornalismo;
- (c) o problema da convergência na sua intersecção com o estado da prática do fotojornalismo;
- (d) os percursos, alterações e condicionamentos do fotojornalismo pelo contexto da convergência digital.

O texto visa, portanto, indicar os aspectos de problematização inicial da delimitação do local de inserção, e as sobreposições de ordem tecnológica, sistêmica, organizacional, editorial e processual que estejam de modo correlato vinculadas ao fotojornalismo.

2. Pressupostos epistemológicos gerais para o fotojornalismo em modo de convergência digital.

A procura por delimitar ontologicamente o lugar da fotografia dentro das práticas relacionadas ao jornalismo é quase sempre controversa. Primeiro, pela própria fotografia constituir-se como uma tecnologia própria, delimitada em torno de algumas atribuições específicas e com o objetivo de registro de imagens. Por sua vez, essa tecnologia constitui-se na síntese de outras tecnologias de cunho infra-estrutural, como a ótica, a mecânica, a



química (caso da fotografia ainda analógica) e tecnologias da informação (caso da fotografia digital).

Contudo, apesar de cristalizar uma série de dispositivos de ordem técnica em torno de um objetivo tecnológico razoavelmente homogêneo – a produção de imagens – essa mesma foto-tecnologia permite o diálogo com outras bases sociais e tecnológicas mais amplas. Ao momento da sua invenção, ainda no século XIX, foi atravessada pelo cientificismo vigente à época como autoridade epistemológica. A fotografia, logra, como resultado, o projeto, bastante questionável hoje em dia sob o prisma do jornalismo, de ser uma representação indicial, espelhada a partir da realidade, assumindo ou furtando, a responsabilidade de reafirmar verdades existentes em torno de imagens. Depois, já no século XX, conhece a massificação, o uso popular, a possibilidade de constituir uma forma de produção simbólica com amplo respaldo que questionava estatutos consagrados no campo da produção das artes visuais (BENJAMIN, 1971,1990). Prosseguindo, nos finais do século XX e começo do século XXI, consolida-se em torno da idéia de sociedade em rede (CASTELLS, 1999), um processo generalizado nos âmbitos social, político e econômico em torno das tecnologias digitais e de redes de dados.

A fotografia é, portanto, um percurso que mantém uma função, ou permanência: a representação e obtenção de imagens através de processos tecnológicos; combinável, por sua vez, a uma estrutura, ou estruturas tecnológicas mais amplas com a qual dialoga constantemente, adaptando-se, rearranjando a cadeia produtiva onde se insere e reconfigurando-se de acordo com os fatores condicionantes. Ou se preferirmos, a parte de desvio que cabe na sua constituição dialógica com processos e cenários de ordem tanto tecnológica como social.

Ainda na manutenção da sua função de representação da realidade, os remetimentos acerca de uma ontologia da imagem fotojornalística levam a crer que esta possui um caráter essencial próprio, que a diferencia de outros tipos de representação visual, como o desenho e a pintura. Essa singularidade se apoia na ligação indicial permitida pela fotografia e o dispositivo fotográfico, a câmera, que, presente diante do fato, delega aos processos tecnológicos a infabilidade da representação. Daí, a sua poderosa assimilação dentro das práticas jornalísticas, como elemento auxiliar, ou recurso de apoio na construção da



representação da notícia e seus conseqüentes efeitos de realidade. Em Barthes (1984), numa perspectiva semiótica, por exemplo, a fotografia se caracteriza pelo “isso foi”, ou seja, por uma relação direta com o referente, sem o qual não pode existir e do qual, em última instância não se distingue. Na mesma linha, Philippe Dubois (1993) vai ainda mais longe e define a fotografia por seu caráter indicial: como um índice, a fotografia nada mais é do que um traço, um rastro material (luminoso) de seu referente. O que temos de denominador comum, e até certo ponto insistente nestas definições (e certamente em outras que não estão incluídas neste texto pelas limitações de espaço) é a “impressão” produzida pela luz que emana do referente na superfície, gerando a imagem automaticamente. Essa mesma impressão, numa ótica que leve em conta os valores-notícia do jornalismo, aproxima a fotografia ao caráter testemunhal, reforçando os contratos de leitura (VERÓN, 1995) possíveis dentro da triangulação: fato : notícia : público leitor.

Essa aproximação entre referente e representação estabelece o enlace que permite haver entre a fotografia e o jornalismo uma via de mão dupla: o jornalismo para ampliar as possibilidades de ser aceito, lança mão da fotografia como cópia da realidade no reforço do seu projeto de objetividade dos fatos. Na contrapartida, a fotografia encontra no jornalismo um território de ampla divulgação e visibilidade, que a reitera como forma de representação visual aceita e assimilável entre o público graças a possibilidade tecnológica das imagens automáticas. Têm-se, desse modo, um contrato estabelecido entre essas duas esferas que, delega e reforça para o fotojornalismo uma de suas funções mais clássicas: estabelecer soluções ou conceitos visuais sincrônicos ao papel de noticiar.

3. Delimitação dos conceitos de convergência digital.

Buscando um referencial no estudo da convergência no jornalismo, já que para o fotojornalismo, talvez pelo grau de especificidade, os marcos teóricos ainda são raros, há a predominância conceitual em torno de definições e metodologias de caráter qualitativo. Antes de se tornar uma idéia mais próxima do campo da comunicação, o conceito de convergência foi utilizado em campos tão diferentes como a matemática e a economia e a biologia (GORDON, 2003). Desde o final dos anos 1980, o termo convergência é resgatado para vincular uma variedade de conceitos relacionados com as mudanças e transformações



de base tecnológica das telecomunicações, com delimitações, no entanto, bastante heterogêneas, e sem estabelecer um consenso conceitual.

Isso se deve a variedade de enfoques e perspectivas adotadas nos estudos sobre a convergência dos meios. O termo convergência, quando associado ao eixo das mídias e das tecnologias digitais, é focado de vários ângulos, pertinentes, sem dúvida, mas com níveis polissêmicos díspares.

“O conceito de convergência pode estar atado a equipamentos e sistemas de acesso às redes digitais, a estruturas organizacionais, a diferentes níveis de processos de produção do conteúdo midiático, às políticas públicas de uso e acesso às TIC’s, aos modelos de negócio, em oposição a visões fragmentadas, entre muitas possibilidades. O que temos, na prática, é o uso do termo em múltiplos contextos”. (SAAD, 2007).

Isso reflete que o fenômeno impacta diferentes perspectivas sobre a convergência da mídia: empresarial (KILLEBREW, 2005; LAWSON-BORDERS, 2006), tecnológica (FORGACS, 2001; IDEI, 2002), multiplataforma (THEODOROPOULOU, 2003) e cultural (JENKINS, 2006). De qualquer modo, se ilustra a estreita relação entre diferentes esferas tecnológicas, empresariais, mercadológicas, narrativas e de configuração de formatos. Na esteira, se comprova, em adição, a generalização do fenômeno nas diferentes áreas que tangenciam com o mesmo.

Certamente, não se pode indicar de imediato uma definição unanimemente aceita do conceito de convergência, o que dirá nos seus impactos sobre o campo específico do fotojornalismo. Relativizando este impasse, boa parcela das pesquisas acima indicadas, ou omite a dificuldade de obter esse consenso, ou de modo mais explícito, seqüestra e delimita apenas dentro de um campo específico de conhecimento. Em tempo: este não é um impasse apenas do âmbito acadêmico. Discordâncias sobre a delimitação do conceito de convergência ocorrem também nos espaços profissionais.

Não obstante, os âmbitos acima apresentam diferenças. A literatura acadêmica inclina-se geralmente por definições sistêmicas da convergência, que incluem esferas diversas dos meios de comunicação e tende, conseqüentemente, a serem definições mais amplas e multidimensionais. Ao seu modo, as definições profissionais geralmente são reducionistas e freqüentemente se limitam a aspectos de caráter organizacional e logística



da produção dos meios, principalmente sobre o funcionamento das redações das rotinas e modelos assujeitados aos processos de produção e organização editorial.

Assim, a partir do campo da “convergência no jornalismo”, se alude a um processo de integração, interdependência e complementariedade a partir de modelos de comunicação tradicionalmente separados. Essa interoperacionabilidade cria desdobramentos diretos na forma de existência e articulação das empresas, dos pacotes tecnológicos adotados, do corpo profissional, das demandas educacionais, das audiências envolvidas, das gramáticas narrativas engendradas, e no redesenho das etapas e competências envolvidas na produção, edição/ tratamento e circulação de conteúdo digital.

Já no âmbito profissional, o fenômeno da convergência de metamorfoseia em diversas estratégias que potencializam o material informativo criado, de modo que possa circular em diferentes suportes ou mesmo meios distintos. Cooperação entre núcleos produtivos de diferentes meios (as redações, as editorias) de diferentes meios, ou mesmo a criação de redações multimídia integradas, onde o fluxo de informações se presta e edição de versões impressas, audiovisuais e online do horizonte de conteúdos existentes. O desdobramento claro disto é a exigência que os jornalistas assumam níveis de competência diferenciados, ou em alguns casos sobrepostos, de modo a produzir conteúdos moduláveis em vários suportes.

O processo também incide sobre os produtos, posto que permite modificar as características formais dos conteúdos, da organização dos mesmos e, conseqüentemente, condicionar hábitos de audiência e consumo dessas formas simbólicas em níveis diferenciados.

Assim, o problema do fotojornalismo contemporâneo está inserido em uma multidimensão de fatores. Sob o guarda-chuva temático da convergência, é um fenômeno que se implementa nos veículos jornalísticos, condensando as dinâmicas em torno das tecnologias da informação, telecomunicações e de mídia, ao passo que paralelamente, expande esse quadro como uma pedra de toque quase que mandatária para a sobrevivência das cadeias produtivas de conteúdo, onde a fotografia se insere, com também das próprias organizações de mídia.



4. Convergência digital e jornalismo.

Em busca de uma definição para o fenômeno, mesmo que transitória, capaz de nortear os esforços de delimitação das características e usos da cadeia produtiva do fotojornalismo em tempos de convergência, apropriamo-nos a definição de “convergência para o jornalismo” proposta por Salaverría, García Avilés y Masip (2007), como fundamento para orientar a discussão:

“La convergencia periodística es un proceso multidimensional que, facilitado por la implantación generalizada de las tecnologías digitales de telecomunicación, afecta al ámbito tecnológico, empresarial, profesional y editorial de los medios de comunicación, propiciando una integración de herramientas, espacios, métodos de trabajo y lenguajes anteriormente disgregados, de forma que los periodistas elaboran contenidos que se distribuyen a través de múltiples plataformas, mediante los lenguajes propios de cada una”.

de modo a vincular o problema da convergência para o jornalismo para o grau mais específico do fotojornalismo, faz-se necessário reafirmar um viés metodológico de cunho qualitativo. A razão para tal escolha é permitir uma aproximação com o objeto de pesquisa através dos aspectos pelos quais o fenômeno da convergência se apresenta. Em outras palavras, abordar o problema através do seu multifacetamento de impactos.

Mesmo com quase 30 anos após as primeiras problematizações, as tentativas de consolidar teoricamente e empiricamente um marco conceitual delimitado, continuam a apresentar resultados desiguais. Talvez, por ser justamente um fenômeno ainda novo dentro das escala de processos da comunicação ou talvez por ser um processo de extrema capacidade de se metamorfosear e agregar novas potencialidades ocorrem derivações conceituais. Contudo, podemos indicar três tendências principais no campo teórico para dar conta do fenômeno da convergência.

a) Convergência como confluência de tecnologias.

A esta tendência, talvez a primeira e que tenha mais reverberação no senso comum, se agregam as definições de convergência através da possibilidade de compartilhar a mesma natureza de código tecnológico – o binário – como “língua franca” de trânsito das diferentes modalidades sonoras, textuais e visuais. (FIDLER, 1997).



b) Convergência como sistema.

É a tendência que enfatiza a percepção do fenômeno como algo complexo e multidimensional, que condiciona de modo inter-relacionado as esferas tecnológica, empresarial, profissional, narrativa, conjuntural e social-política (SINGER, 2004; KLINENBERG, 2005; GORDON, 2003; JENKINS, 2001).

c) Convergência como processo.

Consiste numa superação dos estágios anteriores, não negando-os, mas os colocando numa perspectiva onde a convergência para ser compreendida mais precisamente em seu estado empírico dever ser concebida como um processo sujeito a acumulação e gradação progressiva.(DAILEY *et al.*, 2003; LAWSON-BORDERS, 2003; APPLGREN, 2004).

A partir destas matrizes, podemos aplicar esse quadro para o fotojornalismo? Prosseguindo, defendemos que essa escolha teórica permite caracterizar o estado da prática de um modo atual e condizente com o problema do fotojornalismo contemporâneo além de escapar de abordagens insulares que analisam o problema do fotojornalismo com a tecnologia a partir de eixos delimitados de modo unilateral³. Há, na própria morfologia do problema, a presença de dinâmicas interpenetradas, configuradas por relações de interdependência, complementariedade e interoperabilidade entre o fotojornalismo e seus eixos de multidimensionalidade tecnológica, sistêmica e processual.

5. Os conceitos de convergência e implicações para o fotojornalismo.

Esta imersão do fotojornalismo produzido atualmente, na esteira das acomodações impostas pela convergência digital, contribuem para se prestar ao entendimento de externalidades interessantes. Algo curioso na história das práticas do fotojornalismo se dá na atualidade: como um modelo de produção de imagens foi capaz de potenciar não somente a produção interna dos jornais, mas como um instrumento de adoção e co-participação por parte do leitor/ usuário (através de sessões como o foto-repórter) está

³ Como será mencionado a seguir, quando da indicação do estado da arte da pesquisa em cenários nacionais e internacionais.



sincronizado com lógicas de flexibilização da produção e expansão do vínculo de pertencimento entre veículo e usuário. Afinal, as mudanças na prática de criação e difusão da fotografia na modalidade digital são inúmeras. Se, por um lado, nunca tantas imagens fotográficas foram produzidas como na atualidade, após a popularização das câmeras de fotografia digital em todos os seus formatos e preços (seja câmeras profissionais e sofisticadas, até as pequenas de bolso câmeras *point-and-shot*, ou ainda as embutidas em telefones celulares). Por outro, estas imagens serão visualizadas e divulgadas de múltiplas maneiras, incluindo aí, o campo dos jornais e o interesse pela possibilidade de alcançar determinado fato ampliado justamente pela extrema popularidade, em sincronia com os aspectos policrônicos (capazes de operar em tempos distintos, dissociados do tempo linear e da organização do tempo formal do trabalho); e politópicos (capazes de operar em lugares distintos, descentralizados, autonomamente e dissociados dos locais de produção clássicos).

Visto deste ângulo e como amostra típica da dinâmica, o fotojornalismo atual se constitui como um conjunto de práticas expandido, onde não só o estatuto da singularidade do fotógrafo como agregador de um certo conjunto de competências é posto em questão, como o mesmo passa a ser não somente um fotógrafo, mas um analista e construtor de sistemas que integra as tecnologias fotográficas com as digitais, em um mundo que é totalmente binário no que diz respeito a produção, tratamento e circulação de imagens.

Esse estado de coisas se amplifica por estar sincronizado com dinâmicas tanto do aspecto econômico e de mercado (a redução de custos e automação de processos, por exemplo), como de questões atreladas ao perfil da profissão de jornalista (a necessidade de redução do intervalo de tempo entre os eventos e os respectivos relatos, a sistematização de rotinas de produção em redações digitais, por exemplo) (FRANCISCATO, 2005). Ao seu modo, o processo complexo da convergência midiática propõe continuamente a síntese não somente entre linguagens, mas também de processos de gestão e rotinas de produção, de produtos midiáticos e sistemas tecnológicos engendrados para tal (SALAVERRIA, 2007).

6. Um mapeamento do campo de pesquisas sobre fotojornalismo e tecnologia.

A despeito de se buscar um marco necessário do conceito de convergência, atrelado ao campo do jornalismo, há, no cenário nacional e internacional uma lacuna de pesquisas



que incluam o fotojornalismo dentro desse eixo de problemas contemplado pela convergência. Numa análise da recente produção de dissertações e teses que tem como tema a fotografia no jornalismo⁴, podemos indicar cinco núcleos de pesquisa mais definidos em torno de delimitações mais gerais, sendo:

(a) a passagem de um modelo de produção fotojornalística da tecnologia mecânica e analógica para a digital (SANTOS, 2003; BAPTISTA, 2000);

(b) Estudos de casos desse processo de mudança analógico/ digital em jornais específicos (FERREIRA, 2002; GIACOMELLI, 2000);

(c) implicações éticas ou estéticas presente na troca pelo digital (RISSON, 2002; RODRIGUES, 2002; MUNIZ NETO, 1999; MAMEDE, 1997)

(d) Recepção e usos sociais da fotografia de imprensa digital (SCHIMITT, 1999);

(e) fotojornalismo e memória no contexto digital (BORGES, 1997). Numa busca no cenário internacional de pesquisas⁵, a nucleação dos problemas em torno desses eixos também é semelhante.

Deste modo, através da recuperação das fontes de pesquisas contempladas nos últimos 10 anos, temos que a relevância deste recorte se dá justamente por não situar o eixo do debate na problemática múltipla da passagem entre modelos de produção, linguagens, implicações éticas e estéticas ocorridas na troca do analógico pelo digital, que, como se pode ver acima, norteiam os horizontes de boa parte das pesquisas. No nosso entendimento, as tecnologias do digital para o campo da produção fotojornalística já de constitui como um fenômeno consolidado e em integração com outras possibilidades narrativas, produtivas,

⁴ Optamos pelo viés metodológico de verificar dissertações e teses por elas representarem, de certo modo, uma consolidação de pesquisas sobre determinado tema, juntando em torno de si materiais como artigos, resenhas, ensaios, etc.. Consideramos como produção recente o volume de pesquisa produzido desde 1996, quando se iniciou de modo mais consistente a transição dos departamentos de fotografia dos jornais para plataformas digitais de trabalho. Cf. <http://paginas.terra.com.br/educacao/grecos/tesesedissertageralsilvana.htm> , e também o portal de teses e dissertações da capes. < <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/> >

⁵ Através de buscas no portal periódicos capes < <http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp> >, e no google acadêmico < <http://scholar.google.com> >, as respostas para o critério de busca fotojornalismo+digital (ou digital+photojournalism), aponta resultados numericamente relevantes, e em torno dos mesmos eixos encontrados na pesquisa em bases brasileiras, no entanto ao entrar com o critério convergência digital+fotojornalismo (digital convergence+photojournalism) a resposta é nula. O que, por sua vez, dá indícios que o recorte aqui proposto permanece inédito como objeto de pesquisa.



estéticas, etc. o que, por sua vez, demanda estudos orientados para uma realidade consolidada.

7. Em modo de conclusão e caminhos para investigação.

No esforço de mapear as características configuradas para o fotojornalismo em interação com o fenômeno da convergência digital, está presente na base do problema a própria delimitação conceitual do fotojornalismo:

“o resultado da atividade que pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista (“opinar”) através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico. Este interesse pode variar de um para outro órgão de comunicação social e não tem necessariamente a ver com os critérios de noticiabilidade dominantes.(SOUSA, 1998, p.12)

Trata-se enfim, da fotografia que está sincronizada com a lógica de representar visualmente uma notícia, numa dinâmica necessariamente atrelada aos valores-notícia e critérios editoriais que estão presentes na lógica jornalística mais geral (SOUZA, 2004).

Nesse sentido é, evidentemente, equivocado conceber apenas a migração dos processos analógicos para os digitais, como um “momento inaugural”, do fotojornalismo em tempos de convergência digital. Há, todavia, um relacionamento estabelecido entre a simbiose de duas tecnologias – A fotografia e a digitalização, e um campo de práticas específico – o jornalismo. Este quadro pode ser visto como um sequenciamento, ou processo de relacionamento dos processos digitais que dialogam com o jornalismo desde, pelo menos, fins da década de 1970 (SMITH, 1980). Preferimos, de modo a enriquecer esse viés, trabalhar com a premissa que as relações entre formas simbólicas consolidadas – como a fotografia e o jornal – ao longo da história do jornalismo são atravessados por diferentes modelos de práticas, impondo, a seu modo e a seu tempo, imposições de usos e características sincronizadas e harmonizadas com o cenário tecnológico e epistemológico de cada época. Como aponta Elias Machado (2003, p.64):



A evolução tecnológica marca as etapas do processo de trabalho e das relações sociais e, ao mesmo tempo, assinala as particularidades dos sistemas de circulação da notícia. É em consideração às funções do espaço e dos processos como as redes são ativadas no tempo que um sistema jornalístico se distingue dos outros. Como ao largo do tempo um sistema de circulação atua em consonância a um sistema de técnicas.

Sendo assim, reforçamos que a premissa deve ser posicionada de modo ao fotojornalismo não ficar situado como algo estático numa perspectiva ontológica, e sim como um percurso histórico em diálogo com o jornalismo desde que se detectou o potencial de utilização da fotografia como elemento de informação e linguagem, analisando seu papel e lugar na história do jornalismo impresso, como também depois, em formatos digitais.

No cenário atual, dados e imagens circulam de modo crescentemente capilarizado, vinculando dispositivos cada vez mais policrônicos e politópicos, como aqui já mencionamos.

Desse modo, algumas questões suscitam investigações mesmo se as considerarmos os aspectos iniciais ainda em nível de proposição. Como os pontos a seguir:

- Que desdobramentos a redução de custos, a agilidade de circulação da fotografia no processo da notícia, a acumulação de tarefas devido a convergência digital, a relação fotógrafo vs. dispositivos fotográficos digitais, propõem para a prática da imprensa?
- Que rupturas, potencializações ou continuidades esse movimento possui com outros momentos de passagem entre tecnologias?
- Que ganhos e perdas qualitativos estão em jogo na passagem do analógico para o digital?
- Que tipo de atualização e exigência de reciclagem teórica e operacional o fotojornalismo digital demanda dos profissionais envolvidos na operação dos dispositivos digitais?
- Que novos processos se engendram no fluxo de trabalho do fotojornalismo inserido em contextos digitais?



Essas e outras questões reforçam uma das premissas básicas do problema: que o fotojornalismo digital acaba sofrendo condicionamentos, modificações e re-acomodações sempre que mudanças tecnológicas importantes negociam configurações com o campo social e profissional do jornalismo. Esse fenômeno situa-se num campo de pressões mútuas e interpenetrações entre o jornalismo como profissão e o horizonte tecnológico, onde são afetados por consequência, os processos de produção e ou circulação da fotografia com caráter de notícia na contemporaneidade.

Por isso, aqui neste artigo não indicamos um conceito taxativo da convergência no fotojornalismo. Preferimos anexar ao problema um fenômeno de cunho mais amplo, com capacidade de gerar profundas implicações nas nos campos empresarias, tecnológicos, da linguagem e nas inter-relações existentes entre essas esferas. Necessariamente, por estarmos em um estágio de investigação inicial sobre o problema, tentamos neste trabalho indicar os principais centros de gravidade temáticos, ao redor dos quais orbitam e podem ser norteados os desenvolvimentos metodológicos e conceituais capazes de iluminar a questão.

7. Referências.

APPELGREN, E. **Convergence and divergence in media: different perspectives.** in: Elpub2004 - 8th International Conference on Electronic Publishing, Brasília, pp. 237-248. 2004.

AUMONT, Jacques. **A Imagem.** São Paulo: Ed. Papyrus, 1993.

BAPTISTA, Eugênio Sávio Lessa. **Fotojornalismo Digital no Brasil: a imagem na imprensa da era pós-fotografia.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2000.

BARTHES, Roland. **A câmera clara.** Edições 70. Lisboa, 1984.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica.** In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Cultura de Massa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. “Pequena História da Fotografia”. In: COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural.** São Paulo, Companhia Editora Nacional/ Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

BORGES, Adelmo de Sousa. **O virtual e a memória no novo contexto teórico da fotografia.** 1v. 152p. Dissertação de Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. 1997.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura.** Vol 1: a sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.



- DUBOIS, Phillippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Papyrus, 1993.
- FAVILLA, André Luis. **A imagem híbrida: a síntese entre o universo fotográfico e o digital**. Dissertação de Mestrado. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. 1998.
- FERREIRA, Soraya Venegas. **Do testemunhal ao virtual: 40 anos de fotojornalismo carioca**. 1v. 300p. Tese de Doutorado. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. 2002.
- FIDLER, R. **Mediamorphosis. Understanding New Media**. Thousand Oaks: Pine Forge Press. 1997.
- FORGACS, D. Scenarios for the digital age: Convergence, personalization, exclusion. in: **Modern Italy**, vol. 6, n. 2, pp. 129-139. 2001.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. Aracaju: Editora da UFS, 2005.
- GIACOMELLI, Ivan Luiz. **Impacto da Fotografia Digital no Fotojornalismo Diário: Um Estudo de Caso**. 1v. 105p. Dissertação de Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. 2000.
- GORDON, Rich. Convergence defined. **Online Journalism Review**, publicado em 23 de novembro de 2003 em <http://www.ojr.org>.
- IDEI, N. “What happened to convergence?” in RICE, J.; MCKERMAN, B. (eds.): **Creating digital content**. New York: McGraw-Hill, pp. xix-xxii. 2002.
- JENKINS, H. **Convergence Culture. Where Old and New Media Collide**. New York: New York University Press. 2006.
- KILLEBREW, K. C. Culture, Creativity and Convergence: Managing Journalists in a Changing Information Workplace. in: **The International Journal on Media Management**, vol. 5, n. 1, pp. 39-46. 2003.
- LAWSON-BORDERS, Gracie. **Media organizations and convergence: case studies of media convergence pioneers**. New Jersey, LEA Publishers. 2006.
- MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.
- MAMEDE, José Carlos. **A realidade da imagem: um estudo da visualidade a partir da fotografia**. 1v. 126p. Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. 1997.
- MUNIZ NETO, Alcebiardes. **O fotojornalismo na era digital**. 1v. 238p. Dissertação de Mestrado. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – COMUNICAÇÃO. 1999.
- RISSON, Daniela. **O Fotojornalismo Muda com o Digital?** Dissertação de Mestrado. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. 2002.



RODRIGUES, José Luiz. **Comunicação e imagem: as instigâncias da fotografia (entre a tradição, a manipulação e a alteração)**. 1v. 222p. Tese de Doutorado. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. 2002.

SAAD Elizabeth. **Convergência de mídias: metodologias de pesquisa e delineamento do campo brasileiro**. Documento de trabalho apresentado ao Seminário do Acordo de

SANTOS, Gianne Carvalho Soares dos. **O Fotojornalismo na Era Digital**. 1v. 114p. Dissertação de Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. 2003.

SALAVERRIA, Ramon et Alli. **Métodos de investigación sobre convergencia periodística**. Documento de trabalho apresentado ao Seminário do Acordo de Cooperação Brasil-Espanha para pesquisa em jornalismo. FACOM/UFBA.2007.

SCHIMITT, Fernando Bohrer. **Fotografia: do analógico ao digital**. 1v. 122p. Dissertação de Mestrado. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. 1999.

SINGER, J. B. Strange bedfellows? The diffusion of convergence in four news organizations. in: **Journalism Studies**, vol. 5, n. 1, pp. 3-18. 2004.

SMITH, Anthony. **Goodbye Gutenberg: the newspaper revolution of the 80s**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1980.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental**. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

_____. **Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

THEODOROPOULOU, V. Consumer Convergence. Digital Television and the Early Interactive Audience in the UK. in: FERREL LOWE, G.; HUIJANEN, T. (eds.) **Broadcasting and Convergence. New Articulations of the Public Service Remit**. Göteborg: Nordicom, pp. 285-297. 2003.

VERÓN, Eliseo. L'analyse du contrat de lecture: une nouvelle methode pour les etudes de positionnement des supports presse. In: **Les médias: expériences, recherches actuelles, applications**. Paris, IREP, 1985.